



CENTRO EXCURSIONISTA
RIO DE JANEIRO

AV. RIO BRANCO, 277-GR. 805

RIO DE JANEIRO - TEL. 252-9908



ANO XXXVI

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ

Nº 442 - ABR/JUN. 76

NELSON BRAVIN FERREIRA
RUA URUGUAI, 205 C-01

10-09

DESTINATÁRIO





CONHECER O BRASIL

Centro Excursionista Rio de Janeiro

(MEMBRO FUNDADOR DA FEDERAÇÃO DE MONTANHISMO DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

(Fundado em 20 de janeiro de 1939)

SEDE PRÓPRIA:

AV. RIO BRANCO, 277-GR. 805
ZC-39 - CEP 20 000
RIO DE JANEIRO - RJ
BRASIL - TEL.: 252-99 08

EXPEDIENTE: 3ª e 6ª
FEIRA DESDE ÀS 19:00 h

RECONHECIDO DE UTILIDA-
DE PÚBLICA PELO DECRE-
TO LEI E/640 DE 17 DE
NOVEMBRO DE 1964 DA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DA GUANABARA.

DIRETORIA DO CERJ

PRESIDENTE

SÉRGIO DE SOUZA BAHIA

VICE-PRESIDENTE

CLAUDIO LEUZINGER

SECRETÁRIO

RENATO PAPPONE

1º TESOUREIRO

IVONE GERALDES DE ALMEIDA

2º TESOUREIRO

ELZA GUIMARÃES FRANÇA

DIR. PROPAGANDA

WALTER CHAVARRY VELLOSO

DIR. SOCIAL

VERA REGINA DIEGUEZ LEUZINGER

DIR. TÉCNICO

CARLOS BERNARDO

BOLETIM INFORMATIVO
OFICIAL DE PROPRIEDADE
DESTA ASSOCIAÇÃO

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ-Nº 442ABR/MAI 76

Índice

SOCIAIS	2
SERRA DOS ÓRGÃOS	3
ESCALADA PARA INICIANTES - II	5
DETERGENTES E POLUIÇÃO	9
DE MACACO A LAGARTIXA - II	11
REMEMBER THE ALAMO	12
QUASE UM SÉCULO	13
BALANCETES DO C.E.R.J.	14
COMUNICADOS	15
CONQUISTAS DO C.E.R.J.	16
A CONQUISTA DA "CHAMINÉ RIO DE JANEIRO"	17
CROQUIS DA CONQUISTA	20

capa:

CHEGADA À GUAPIMIRIM
(Excursão à S. José do Barreiro - RJ)

AGUARDEM A PRÓXIMA CAPA:

"O QUE É A NATUREZA"

SOCIAIS

ANIVERSARIANTES

ABRIL	MAIO	JUNHO
2-Mário Franke	3-Jadyr de Barros San- tiago/Jorge de Mat- tos Moreira/Luiz Deveza	2-John Gordon Crui - ckshank/Elizabeth de Souza Oliveira
3-Oscar R. Leoni	4-Humberto V. Abreu	4-Waldemar F. Guima- rães F9/Claudia Ma- ria Rodrigues L. Almeida
4-José Vieira Silva	6-Sérgio Maria Fausto Gomes	5-Carlos Roberto de Oliveira
5-Sandra Dias de Meirelles	7-Carlos E. Capillê	6-Clúdio Rogério Vincentti
7-Amélio Fabbri/ Rubem Duarte Klein	10-Antonio Carlos Ribeir beiro de Aguiar / Mazaru Izawa	8-Celso G. Marques da Silva/Renato F. Marcondes
Alexandre Cerqueira Santos	11-Guaracy S. Godoi	10-Eduardo de S. Andra- de/Valeska C. Cha- varry Velloso
8-Rosicler de Souza Machado	14-Carlos A. Carrozzino Nurit Schiavo Wey - rauch	11-Nils Veng Petersen Walter Lima Torres
9-Eber Schimitz	15-William Mendes de Sã Pedro R. dos Santos Prata	13-Antonio Felix Brasil Mozart Homero Dias Teixeira/Rubens Mu- rilo dos Santos
10-José Gabriel de Menezes Ribeiro	16-Walter Chavarry Velloso	15-Jesse James de Gus- mão
13-Francisco de Souza Barreto Filho / Carlos A. Moraes	17-Renata Lucena da Sil- veira/Simone Farias de Mello	16-Elton Fernandes
14-Ervé Muniz	19-Antonio Ivo Pereira	17-Jair Lourenço
15-Vicente de Albu - querque	21-Roberto da Silva Vaz Stelling Augusto Coelho Filho	18-Ivan M.C. Brandão
16-João F. Marzano	22-Antonio Couto Ferrei- ra	19-Leia de M. Rocha
18-Hugo Machado Jr./ Jacinto Gurovich/ Naja Wegmuller/ Nelson Bravin Fer- reira Jr.	23-Maria de Lourdes Ca- valcanti Figueiredo	21-Samuel Teitel
19-Taruno Setianto	24-Luiz Carlos Guedes de Souza	24-Antonio Ramos Mar- tins/Alexandre Al- ves de Almeida/Da- nilo Dieguez/Maria Genoveva Von Hubin- ger/Neyde Tavares Sobral Pinto
21-Alice Lopes dos Santos	25-José Luiz Barbosa da Silva	27-Alice Mirian Fernan- des
22-Marcia Dieguez Leu- zinger	27-Ursula Kern	
27-José Alayr Costa Pires/José dos San- tos F. Valente	31-Divaldo Augusto da Silva Amorim/Elza Guimarães França	
28-Peter Edinger		
30-Ricardo Lago Pigna- taro		

SERRA DOS ORGÃOS

Deixou de ser novidade para os excursionistas o fato de que o Parque Nacional da Serra dos Orgãos tem um novo administrador. Nem em Teresópolis também, isso constituirá novidade, o Dr. César Lamenza, engenheiro florestal, deve a esta altura ser pessoa bastante conhecida naquela cidade.

A verdadeira e promissora novidade está na filosofia de trabalho adotada pelo jovem Dr. Lamenza. Temos acompanhado os esforços de alguns administradores - como o Dr. Nelson, de Itatiaia, ou o Dr. Aldrighi, da Tijuca - tentando melhorar os seus parques, com os poucos recursos disponíveis em meio à burocracia do serviço público e encontrando no caminho a filosofia "oficial" que iguala os parques nacionais às reservas florestais.

A um observador menos atento, pareceria a melhor atitude esta de transformar os parques nacionais em **SANTUÁRIO** da natureza, onde a entrada de seres humanos seria proibida - com as raras exceções dos pesquisadores e cientistas - deixando que a fauna e a flora se desenvolvessem como antes de Cabral.

Na verdade, trata-se de uma filosofia pseudo-conservacionista, cujo simplismo chega às raias do comodismo; é mais fácil fechar um parque, ou criar dificuldade sobre dificuldade para o acesso a ele, do que utilizá-lo como uma escola de conservação da natureza: com finalidade educativa, prevista em lei da mesma forma que a de conservação e a esportiva; na verdade, todas elas se fundem na mais importante - a conservação; não adianta, porém, dispor de um **SANTUÁRIO** natural quando a maior parte das pessoas, ao ver uma árvore, só pensa em derrubá-la; no limite, teríamos aquelas poucas reservas rodeadas de desertos.

Desviamos-nos propositadamente do tema principal - o Dr. Lamenza - para mostrar o que ele trouxe de novo ao PNSO. Ao receber de vinte anos de abandono, ele percebeu que precisava do auxílio de quem de fato compreendesse para que servia um Parque Nacional.

E assim se dirigiu aos excursionistas. Não foi a primeira vez que um administrador de parque assim procedeu; na verdade, ao lado de algumas ocasiões em que o diálogo

foi frutífero, a grande maioria dos contatos desse gênero foi unilateral e destinada a veicular normas restritivas e proibições. Já o Dr. Lamenza veio dialogar; conhecer os excursionistas e seus clubes; saber, em detalhe, o que pensavam; solicitar o seu auxílio.

E voltou satisfeito, com o auxílio que lhe foi imediatamente garantido e logo depois fornecido: neste momento, a trilha para o abrigo 3 já se encontra quase totalmente aberta, em uma largura original de há 20 anos atrás, permitindo assim o transporte do material necessário à reconstrução do abrigo semidestruído. Esse trabalho já começou e deverá estar completado em breve, seguindo-se a reconstrução do desaparecido abrigo 2. O programa do Dr. Lamenza é longo, mas deverá conduzir o Parque de volta aos velhos e gloriosos dias da administração Sobral Pinto.

A preservação do trabalho a ser feito exigiu uma providência que poucos teriam coragem de tomar: desde o dia 1º de julho, apenas os guias credenciados dos clubes excursionistas tem permissão de conduzir grupos ao interior do Parque, sendo responsáveis perante o Parque e perante seus clubes por qualquer anomalia que venha a ocorrer. Acabam-se assim as incursões vandálicas que quase destruíram o abrigo 3, várias vezes separado durante a administração anterior por excursionistas que penetravam no Parque às escondidas para fazer esse trabalho, correndo por isso risco de prisão. Em pura perda, aliás: de cada vez novas devastações eram feitas pelos não identificados vândalos.

Pela sua atuação e pelas idéias que manifestou, o Dr. César Lamenza é merecedor de todo o apoio. Os excursionistas estão prontos a dá-lo, em tudo o que estiver dentro de suas possibilidades: resta agora o apoio do próprio IBDF, irrestrito, a essa filosofia salutar e educativa, a única que poderá ser estendida por todo o Brasil, evitar que deixemos um deserto como herança a nossos descendentes. Educar, ensinar a amar a natureza: temos nos parques as escolas e nos clubes excursionistas os professores; o trabalho conjunto de administradores e guias, de funcionários e participantes, é a única via disponível para a meta essencial da preservação dos recursos naturais.

Paulo Boaventura Netto

transas do D.T.

ESCALADA PARA INICIANTE - II

J. A. PRATA

Na prática do montanhismo, é uma constante a submissão do corpo a posições de equilíbrio delicado, de que resulta, com certa frequência, quedas de maior ou menor seriedade.

A técnica da Segurança tem por objetivo minimizar as consequências de uma tal possível queda.

Excluindo o caso da auto-segurança, usada nas ascensões solitárias, que fogem por completo ao escopo deste artigo, a segurança é feita mutuamente entre escaladores componentes de uma cordada a qual deverá conter, em geral, dois escaladores, mas poderá incluir maior número. Enquanto um escalador se movimenta, o outro, imóvel, "dá segurança" ao primeiro. Suponhamos que o "guia" da cordada acaba de escalar um lance e atingiu um "ponto-de-segurança" que poderá ser, por exemplo, um confortável "plateau"; o seu companheiro de cordada, após o sinal do guia, iniciará a ascensão do lance; à proporção que ele sobe, o guia irá recolhendo corda de modo a manter sempre uma pequena "barriga" da mesma, se o participante cair, a corda se retesa e o sustém. Digamos agora que o participante atingiu o "ponto-de-segurança" onde se encontrava o guia da cordada: este deverá se preparar para escalar e, ao sinal do participante, que estará dando segurança, iniciará a subida; note-se que, agora, a segurança é feita de baixo para cima (participante-guia) e não, como antes, de cima para baixo (guia-participante); ora, se o guia, por acaso, cair, passará direto pelo participante-com-cara-de-bobo, dirá "Até já!" e cairá até esticar a corda! Bem se vê que as quedas de guia são, em princípio, muito mais sérias que os tombos-de-esticar-corda do participante. No caso de lances extensos, o guia fará, à proporção que sobe, COSTURAS com mosquetões que unirão a corda aos diversos artifícios de segurança, existentes ou colocados na hora, entre dois pontos-de-segurança consecutivos, com a finalidade de encurtar uma possível queda.

De uma boa segurança depende a vida do escalador, portanto é conveniente termos alguns "check-points" que verificaremos ao dar segurança, no começo por inspeção consciente, mais tarde,

quase por instinto; assim como um piloto que confere os instrumentos de sua aeronave antes de deixar o solo. São três itens fáceis de aprender:

O primeiro e mais evidente é a ANCORAGEM: Se não estivermos ancorados (e bem ancorados), poderemos ser arrancados da montanha por um companheiro em queda. Ao atingir um ponto-de-segurança, nos deveremos ancorar solidamente, por meio de um cabo solteiro e mosquetão, a um ou vários pontos de fixação confiáveis. As melhores ancoragens são, em geral, as naturais: árvores e pontas de pedra que se abraça por meio de estropos ou "slings"; há também as ancoragens artificiais: grampos fixos de grande diâmetro - 3/8 in. ou mais (os de pequeno diâmetro - 1/4 in. - são usados para costuras intermediárias), pitons ou chocks; estes dois últimos são artifícios móveis e, por isso mesmo, não costumam oferecer, isoladamente, uma boa ancoragem; devem por isso ser usados mais de um.

Agora que estamos firmemente unidos à montanha por intermédio de uma boa ANCORAGEM, vamos verificar outra coisa importante: como deter a queda do companheiro, mormente do guia, que solicitará a corda violentamente ao retesá-la. É um problema de FRENAGEM. Evidentemente, o atrito entre a corda e nossas mãos nuas não será suficiente para conter a queda; será necessário introduzir mais atrito no circuito; existem à venda toda uma coleção de engenhocas e freios que nos permitem obter este atrito adicional, mas a melhor maneira é usar o próprio corpo, aumentando a superfície de contato com a corda por meio de passar uma alça na cintura, por trás das nádegas (processo americano) ou pelas costas (processo europeu) - neste último caso, a ponta da corda que se dirige ao escalador deverá sair pelo sovaco e não pelo ombro.

Para garantir o efeito de FRENAGEM, nunca se solta as duas mãos da corda simultaneamente; move-se uma das mãos e depois a outra, à proporção que se recolhe (participante subindo) ou se entrega (guia subindo) a corda.

Agora já estamos ANCORADOS e já manobramos a corda de modo a ter uma eficiente FRENAGEM, mas poderemos nos machucar ou até mesmo largar a corda se o companheiro cair e não estivermos numa boa posição. Este terceiro item é importantíssimo. A melhor maneira de "ver" o problema é pensar assim: "Se Fulano

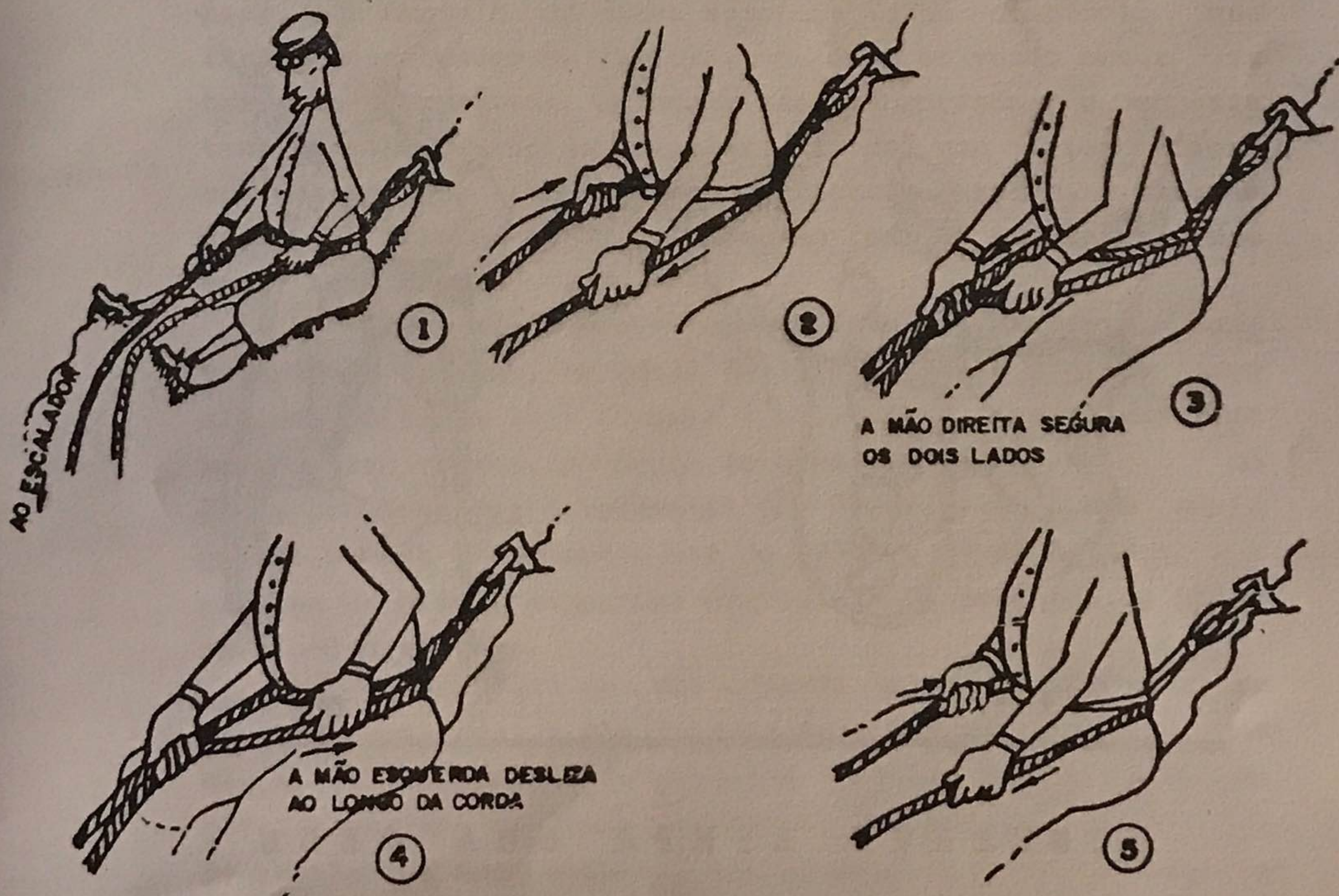
caísse agora, para onde seria eu puxado?" E assim fazendo, o escalador assume a mais firme e confortável POSIÇÃO. Geralmente recomenda-se que se costure a corda do companheiro no artifício de ancoragem, de tal forma que somos puxados de encontro a ele no caso da corda ser subitamente solicitada.

Tendo sempre em mente estes três itens:

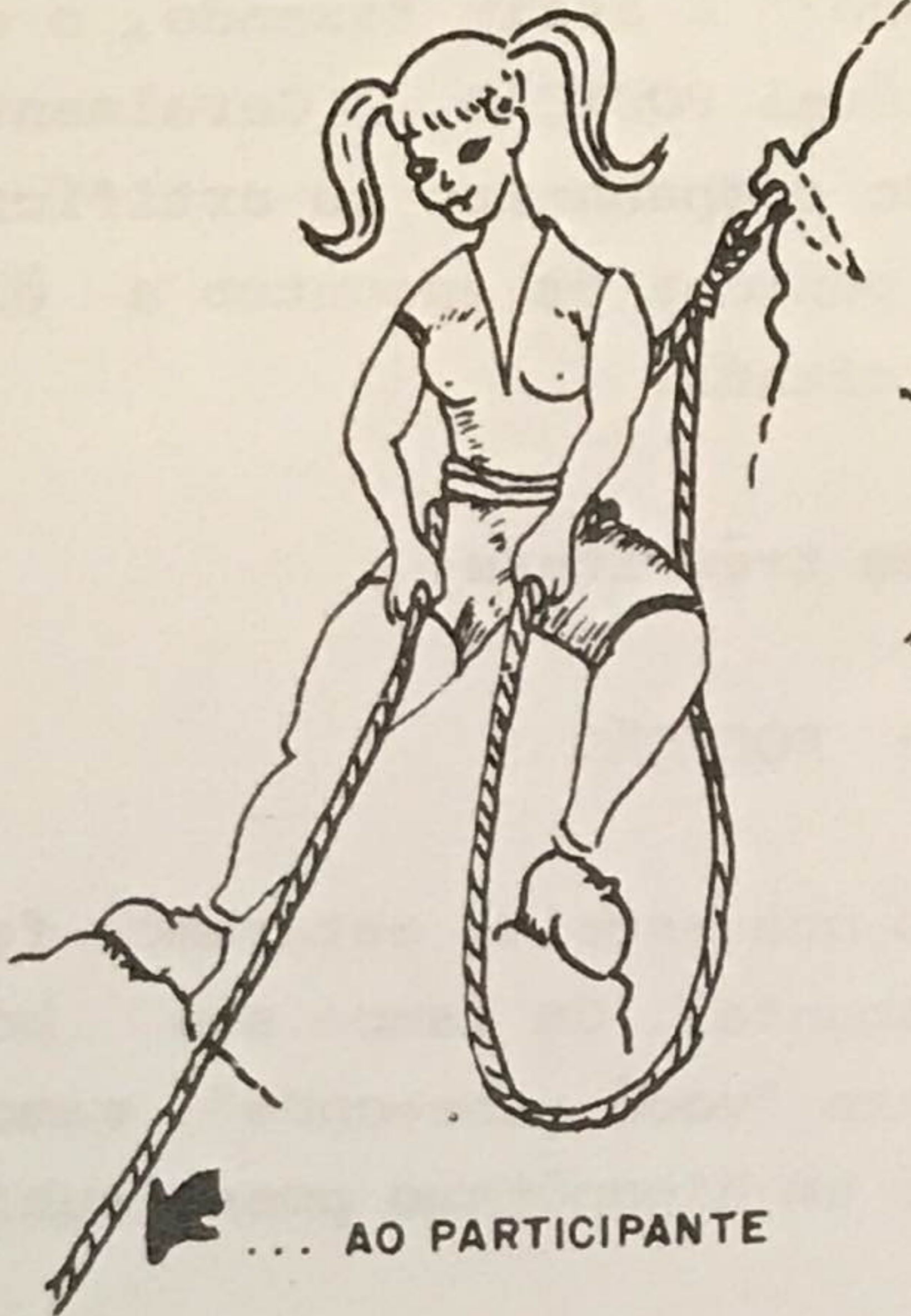
ANCORAGEM - FRENAGEM - POSIÇÃO

e nos mantendo atentos ao companheiro que escala, estaremos fazendo a boa SEGURANÇA, e isto é fundamental. Um lance sem boa segurança é uma passagem sô de ida para "você-sabe-onde"; vamos fazer nossa segurança tão boa que até um hipopótamo possa subir com ela.

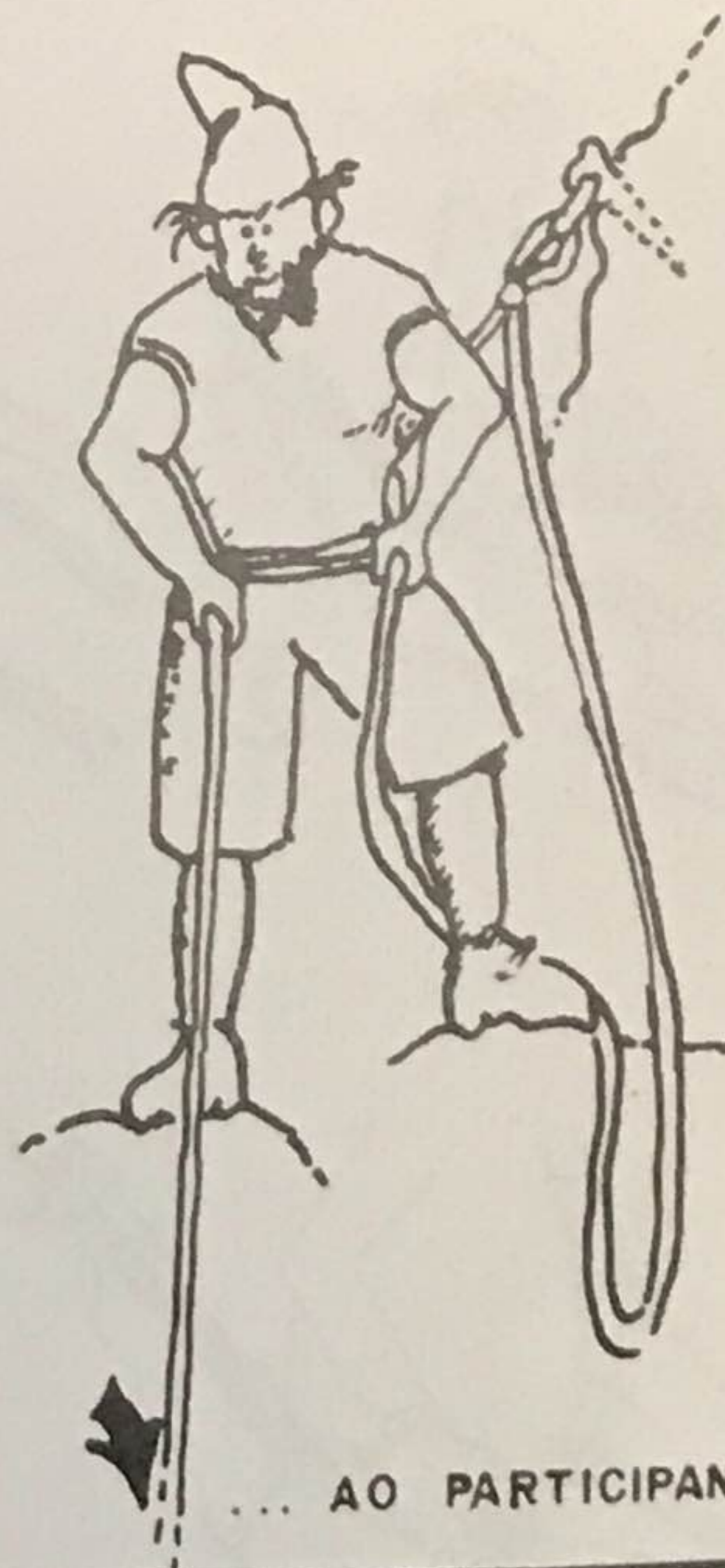
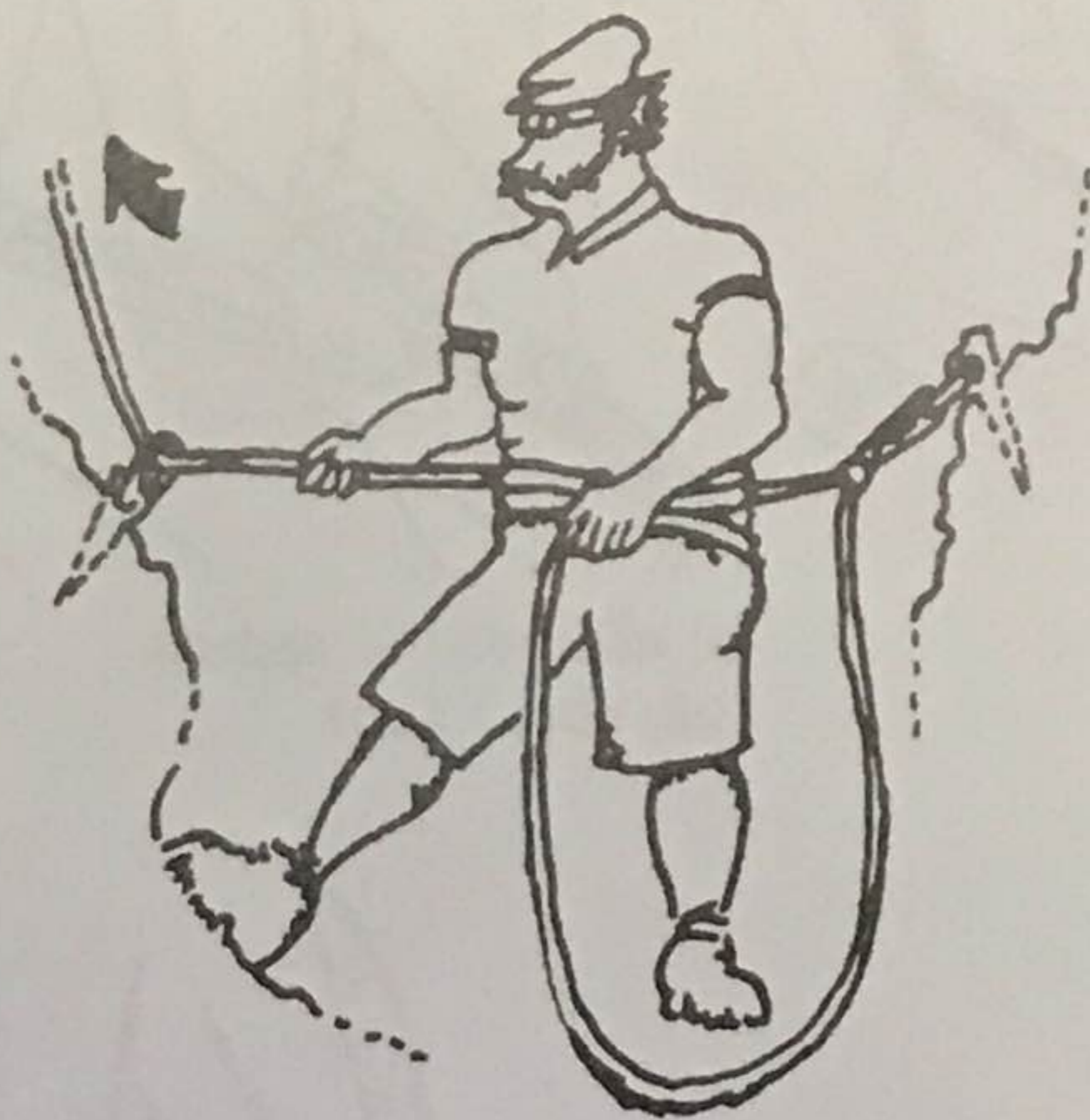
DANDO SEGURANÇA PELA CINTURA:



DANDO SEGURANÇA SENTADO



DANDO SEGURANÇA DE PÉ ...



CONSERVE LIMPA SUA SEDE

DETERGENTES E POLUIÇÃO

J.A. PRATA

O crescimento das áreas urbanas e o desenvolvimento dos processos industriais vêm exigindo o uso, em grandes quantidades, de sabões e outros agentes de limpeza. Cada vez que uma dona-de-casa lava um prato ou uma grande máquina lava dez mil garrafas de refrigerante, escoar-se pelo ralo um bocado de água suja que leva junto o agente de limpeza empregado. Ora, essa água suja vai parar na rede de esgotos (quando existe) que vai parar no rio que vai parar no mar. Após a 2a. Grande Guerra entraram em uso extenso vários tipos novos de sabões poderosíssimos: muitas vezes esses detergentes "removem toda a gordura e matam todos os germes", mas também removem e matam muitas outras coisas. Os países desenvolvidos, quando olharam para seus rios e lagos e viram a besteira que estavam fazendo, passaram a controlar o uso destes produtos, ora voltando a usar sabões antigos à base, por exemplo, de óleos vegetais (sabão-de-côco), que tinham menor poder de limpeza, ora desenvolvendo novos sabões bio-degradáveis, os quais são reabsorvidos no ecossistema de maneira rápida e inócua. Vai daí que várias fábricas dos antigos sabões venenosos ficaram paradas, e ninguém deixa uma fábrica parada; é preciso fazê-la funcionar, mas onde? Adivinhem.

Nos países pobres onde o povo não participa diretamente do governo, em geral há leis fortes e rígidas para algumas coisas e leis frouxas e tolerantes (quando existem) para outras coisas, proteção do ambiente por exemplo. Só que o problema dos detergentes não-degradáveis é tão sério que já começa a incomodar até do lado de cá do Equador, e aparecem as primeiras marcas comerciais de produtos de limpeza bio-degradáveis.

Claro está que não adianta muito a gente usar sabão bio-degradável o dia inteiro se a Lei não impedir as descargas industriais de produtos nocivos, pois o problema persistirá; mas em áreas selvagens, nas nossas expedições de escalada e acampamentos, encontramos regatos límpidos de

água cristalina e cheirosa, que não devemos contaminar. Use mos somente agentes de limpeza inofensivos, como sabão-de-côco ou uma marca honesta de detergente bio-degradável. Conserve mos nossos mananciais. Protejamos nossos rios.

* USE SABÃO BIO-DEGRADÁVEL *

SOCIAIS (continuação pág. 2)

28-Alda Conceição Andrade

29-Frederico Von Dollinger Jr./Miguel Pedro Alves Cardozo

30-Lídia Dias

NOVOS SÓCIOS

André Luiz da Silva Amorim/Fernando José Macrini de Souza/
Julio Cesar da Silva Faria/Edvaldo Basílio Bacelar Mota /
MARIO Araujo Mota/Maurício de Araujo Mota/Renata Lucena da
Silveira/Wagner Alves Malaquias/Loreto José Bulla/Antônio
Gomes de Araujo/Heliana Segadas Vianna/Luiz Fernando Sayão
/Eduardo Henrique Godinho Bretas/Amaury Antônio Telles de
Menezes/Ricardo de Moraes Almeida/Cláudio Henrique Ferreira
/Pery Bevilaqua/Alexandre Cerqueira Santos/Carlos Alberto
Lima Junqueira/Sérgio Maria Fausto Gomes/Marcelo Nogueira
Capillé.

NASCIMENTO

Queremos registrar a chegada de mais uma cerjense, trata-se de Suzana da Silva Carvalho, filha do nosso querido consócio Virgílio Augusto de Carvalho e de Braulia de Carvalho.

CASAMENTO

Casou-se no dia 24 de julho, em Além Paraíba-MG, o nosso associado CYRO MACEDO VALENTE com a Srta. ANA MARIA T. CÔRTEZ.

DE MACACO A LAGARTIXA - II

J.A. PRATA

Em número anterior deste boletim, havíamos exposto que o ser humano tem uma certa "memória genética" dos seus tempos selvagens que podem despertar nele um impulso de "volta à Natureza", impulso esse que se faz sentir, dentre outras maneiras, na prática dos esportes "outdoors", entre os quais se conta o montanhismo. Observamos que, sob este enfoque, a proposta "volta à Natureza" será tão mais proveitosa quanto mais íntima for a relação homo-natura.

Encarado desta forma, o montanhismo constitui-se numa prática esportiva das mais completas; como bem sabemos, o montanhismo, longe de se resumir ao ato de subir-na-pedra, é uma atividade que coloca o esportista em profunda comunhão com o elemento de suas mais nobres e impressionantes expressões; a floresta, a água em movimento, o clima, os astros, a montanha, são do nosso convívio direto e corriqueiro, buscamos neles uma harmonia que já não encontramos na vida-de-cidade; quando se nos depara a montanha, em toda a sua imponência, suas paredes colossais perdendo-se no azul, seu perfil recortado em maciço granito, seu porte solene e quieto e frio, não vemos ali um inimigo a vencer e, sim, um amigo a frequentar; a escalada de uma montanha não é uma luta a se travada, é um diálogo a ser estabelecido; é pensando assim que poderemos, ao fitar a montanha, sentir que aos poucos nos abandona o sentimento de insignificância nascido do confronto com o colosso pétreo, e sentir que simultaneamente nos invadem a paz e a quietude dos séculos sem conta que contemplam os monólitos.

E a montanha exige de nós; não exige um pouco de nós, exige o melhor de nós, exige algo que transcende nossas ferramentas de escalar - botas, cordas; nossas ferramentas de pensar - lógica, ordem; a montanha exige de nós coisas que vêm do fundo, coisas que traduzem a essência, além do verniz sócio-cultural que nos reveste; e, se descobrirmos isto, assim também a montanha dar-nos-á; e não estaremos - montanha e nós - distintos, dois entes separados por barreiras defensivas, cordas e ferragens de um lado, intepéris do outro; Não! Estaremos unidos, montanha e nós seremos irmãos; Estaremos perfeitamente adequados um ao outro, o homem; e o que é a felicidade, senão a adequação do indivíduo ao seu ambiente?

Assim é que, na intimidade da montanha, nos despimos de muita coisa, tornamo-nos mais simples, as portas da percepção abertas às belezas que nos cercam, experimenta-se um sentido de recompensa que se estende àqueles que, pela própria natureza do esporte, partilham da nossa experiência, companheiros de excursão a que nos unimos por fortes laços, amigos a quem nos juntamos pelo que se é; e somos perfeitamente adequados a esses amigos, e eles a nós.

É difícil descrever tão subjetivas experiências; aos que não entenderam: ESCALEM.

— FELICIDADE É ESCALAR UMA MONTANHA —

REMEMBER THE ALAMO !

Há algum tempo atrás um grande truste imobiliário propôs-se a adquirir o prédio vizinho à esquina das Avenidas Princesa Isabel e Atlântica e o fez, à exceção de um dos apartamentos, cujo proprietário (certamente um louco, dirão), entrincheirado no direito de não vender o que é seu, declarou guerra aos todos poderosos da construção civil e lá ficou. Já vai grande a Lua de Julho e o nosso herói, lobo solitário, última lâmpada acesa na fachada do edifício abandonado, a água infiltrando-se por todos os lados (a incorporadora arrancou todas as demais janelas) quando chove, resiste. Três Hurras para o Último dos Moicanos! Pena que, não importa quanto briguem os índios, John Wayne sempre ganha.

Wilton Torres Ribeiro

CRO - GB - 3902

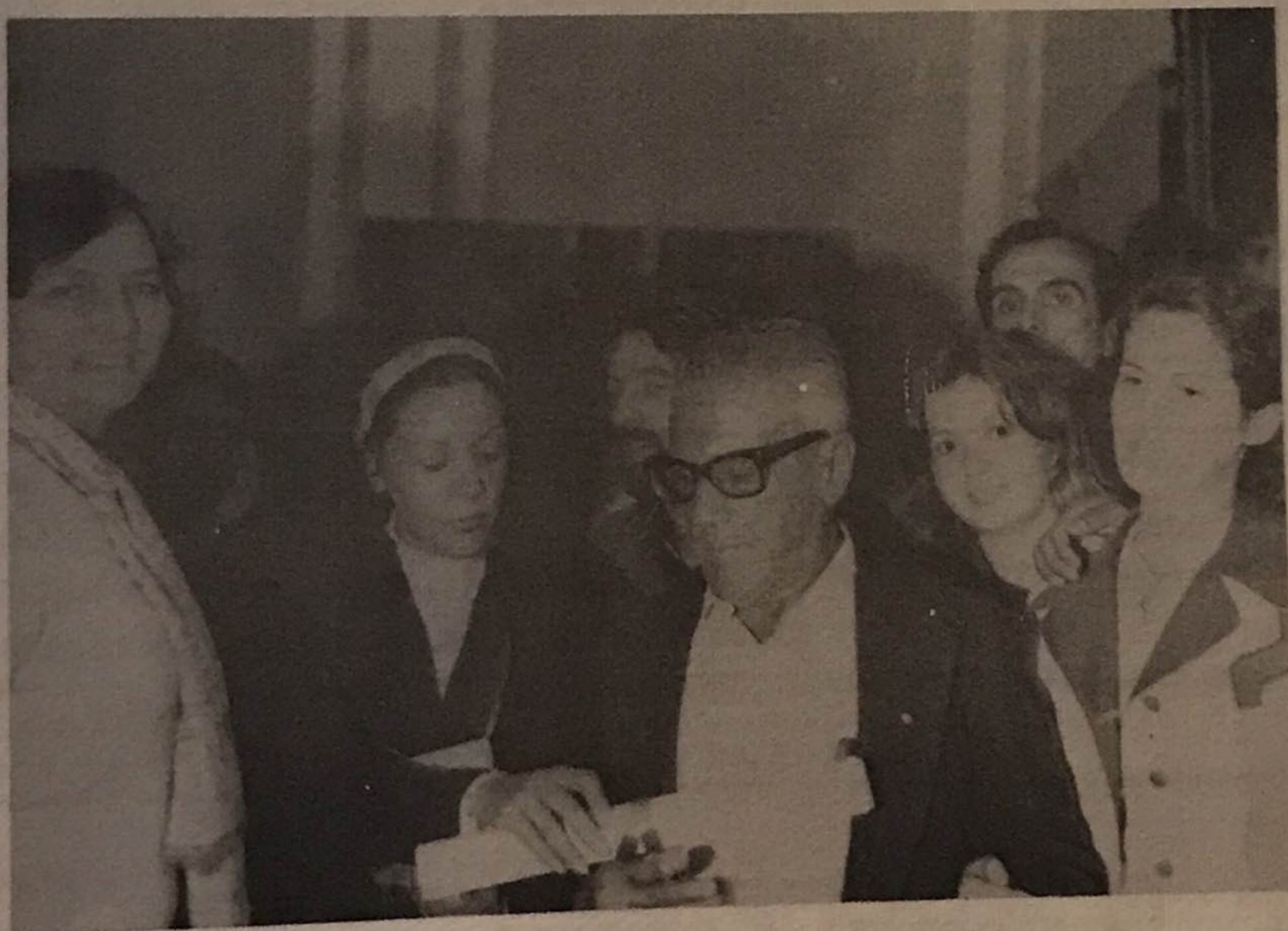
TRATAMENTO DE CANAIS DENTÁRIOS

RUA MANOEL DE CARVALHO, 16 - S/ 82 - TEL.: 252-5943 - DIARIAMENTE

QUASE UM SÉCULO

ACÁCIO AMÉRICO DE OLIVEIRA, o último conquistador vivo do Dedo de Deus (escalado pela primeira vez em novembro de 1912), completou no dia 13 de maio, 90 anos de idade, grande parte dos quais dedicado a prática do montanhismo.

Foi homenageado no Salão Nobre da Prefeitura de Teresópolis, neste mesmo dia, ou seja 13 de maio, onde se encontravam várias personalidades, daquela cidade, entre os quais: - vereadores, representante do PNSD, Lions Clube, Rotary Clube, Sra. Luzia de Freitas Caracciolo (a primeira mulher a escalar o Dedo de Deus) e, do pres. da Federação de Montanhismo e dos inúmeros amigos de clubes excursionistas de Teresópolis, Petrópolis e Rio de Janeiro.



Acácio rodeado de amigos e recebendo das mãos de sua filha Diploma Comemorativo

Foto: Dinis Metelo Pinto

BALANCETES

FEVEREIRO

DEVE			HAYER
Saldo de janeiro	1.707,82	Condomínio (1º trim.)..	1.027,50
Mensalidades	945,00	Luz	87,00
Doações	230,00	Telefone	103,00
Atividades Técnicas ...	30,80	FMERJ (dez 75 / fev 76)	150,00
Jóia e Carteira	50,00	Saldo p/ março	1.596,12
	<u>2.963,62</u>		<u>2.963,62</u>

MARÇO

DEVE			HAYER
Saldo de fevereiro....	1.596,12	FMERJ (mar / abr).....	100,00
Mensalidades	645,00	Luz	87,00
Doações	300,00	Telefone	75,00
Atividades Técnicas... 1.389,00		Exp. Boletim nº 440 ...	58,00
Jóia e Carteira.....	50,00	Condomínio (taxa extra)	146,00
	<u>3.980,12</u>	Saldo p/ abril	3.513,62
			<u>3.980,12</u>

ABRIL

DEVE			HAYER
Saldo de março	3.513,62	Luz	80,00
Mensalidades	270,00	Telefone	100,00
Jóia e Carteira	50,00	Condomínio (2º trime.).	1.174,00
Doação	20,00	Saldo p/maio	2.549,62
Atividades Técnicas .	50,00		<u>3.903,62</u>
	<u>3.903,62</u>		

A FLORESTA É A CIDADE DOS BICHOS
PROTEJA - A

ATRAZO DE MENSALIDADES

A sede social do CERJ, chegou a uma fase atual de desenvolvimento com um conseqüente aumento em seus encargos, que hoje é necessário manter por parte de todos os seus associados, uma estreita cooperação, contribuindo dessa maneira, para o perfeito funcionamento desse centro e o bem estar social de nós a ele filiados.

A renda arrecadada pelo CERJ provém das contribuições generosas e espontâneas de alguns sócios proprietários e principalmente das mensalidades dos sócios contribuintes, já que não existe taxa de manutenção. O atraso no pagamento dessas mensalidades, dificulta no saldo de seus compromissos socio-financeiros que consiste em: - pagamento de condomínio, luz, telefone, confecção e expedição do boletim, impressos, material para a cantina, mensalidade da Federação e ainda, regulamentação do CERJ junto ao CRD, Alvará de funcionamento, projeto para reforma da sede (principalmente do banheiro).

Portanto, para encurtar um pouco este artigo, rogamos aos que estão em débito, procurarem a tesouraria para o devido acerto e que procurem pagar sempre pontualmente suas mensalidades, pois, todos nós somos um pouco responsáveis pelo CERJ.

PREZADO ASSOCIADO

Não era possível prosseguirmos com a publicação do nosso Boletim Informativo, sem que primeiro dêssemos uma satisfação aos nossos associados, quanto à falta de expedição, bem como a impressão durante os três meses próximos passados.

Isso foi motivado pela falta de tempo por parte dos organizadores e colaboradores.

Somente agora foi possível prosseguirmos, regularizando a impressão e a expedição dos boletins, que abrange os meses de abril a junho, o próximo boletim que já está em fase de elaboração, será o de julho a setembro, que certamente colocará em dia o nosso informativo.

Prometemos, portanto, que a partir de outubro continuaremos a publicar o nosso BOLETIM normalmente.

Queiram ceitar nossas desculpas.

CONQUISTAS DO C.E.R.J.

ABRIL

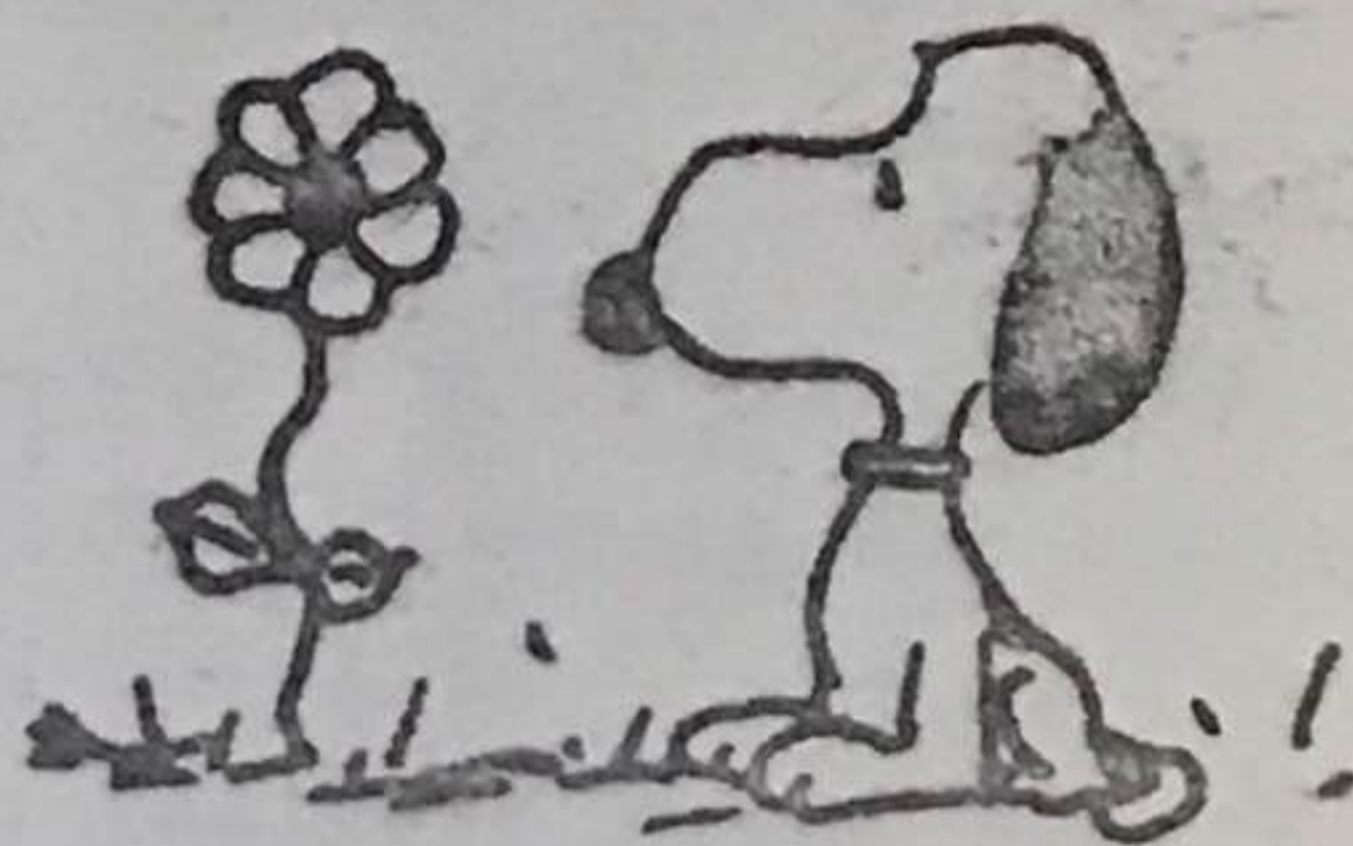
20/04/46	- OLHO DIREITO	- (Pedra da Gávea - RJ)	- 30 grau
19/04/59	- PAREDÃO QUEIXADA	- (S. Orgãos-Queixo-RJ)	- 10 grau
13/04/63	- AGULHINHA BONETTI	- (S.Orgãos-Papudos-RJ)	- 10 grau
04/04/65	- PAREDÃO IV CENTENÁRIO	-(Mo. Babilônia - RJ)	- 30 grau

MAIO

06/05/45	- OLHO ESQUERDO	- (Pedra da Gávea - RJ)	- 30 grau
08/05/46	- PEDRA DA TAÇA	- (Vila Velha - PR)	- 20 grau
03/05/64	- CHAMINÉ IDALÍCIO	- (Itatiaia-Prateleiras-RJ)	- 30 grau
23/05/65	- PAREDÃO GURILÂNDIA	-(Morro Dona Marta - RJ)	- 10 grau
25/05/67	- PEDRA DO NAVIO	- (Maciço Pedra Branca-RJ)	- 20 grau

JUNHO

18/06/46	- PICO MAIOR DE FRIBURGO	-(Salinas-Friburgo-RJ)	- 50 grau
22/06/47	- PICO DO ITABIRA	- (Cach.Itapemirim-ES)	- 40 grau
06/06/48	- FRADE E FREIRA	- (Cach.Itapemirim.ES)	- 40 grau
12/06/65	- CIRCUITO CERJ	- (Itatiaia-Agulhas Negras)	- 10 grau
25/06/66	- CHAMINÉ BRACKMANN	-(Prateleiras-Itatiaia-RJ)	- 30 grau
14/06/68	- CABEÇA DE DINOSSAURO	-(Serra dos Orgãos - RJ)	- Caminhada



PLANTE

Importadora Marybeth

Presentes · Novidades · Brinquedos

BREVEMENTE ARTIGOS DE CAMPING

RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 38-E — TEL.: 285-0598 - FLAMENGO

A CONQUISTA DA "CHAMINÉ RIO DE JANEIRO"

Com o título "A MORTE ESPRETTA", a revista A NOITE ILUSTRADA de 06/09/49, publicava uma reportagem de 5 páginas, com fotos de Max Otoni, sobre a conquista da CHAMINÉ RIO DE JANEIRO, situada no Morro do Corcovado, que aqui passamos a transcrever.

A escalada do cume do Morro do Corcovado - 710 metros de altitude - desde a base pelo lado de Botafogo, era uma constante preocupação dos filiados a organizações onde se pratica o esporte das montanhas, particularmente os do Clube Excursionista do Rio de Janeiro.

Os "lagartixas" do CERJ, aspiram subir até os pés da estátua do Cristo Redentor tendo por caminho - enorme fenda aberta de alto a baixo do Corcovado e perfeitamente visível do Largo do Humaitá e rua Jardim Botânico.

Esta fenda ("Chaminé" como chamam os excursionistas) tem cerca de 400 metros de altura, com paredões graníticos de 80 a 90 graus de inclinação e, é fechada, lá em cima, por uma pedra de grandes dimensões a que os montanhistas pitorescamente denominam de "chapéu". Por dentro da citada fenda, a umidade é permanente e, o que mais agravava a possibilidade de uma escalada, enorme blocos de granito interrompem completamente a garganta.

Embora sabendo que alguns alpinistas experientados já haviam tentado escalá-la sem resultado, Índio do Brasil Luz, do Corpo de Guias do CERJ., resolveu por um paradeiro ao "encanto" da montanha. Auxiliado pelo entusiasmo dos colegas Cidineides Viana Barreto, Ivan Gomes, / Ralph Muller e Mozart Homero; Índio do Brasil Luz fez a primeira investida no dia 28 de julho de 1946 e convicto ficou a viabilidade da escalada muito embora reconhecesse ser uma aventura das mais temerárias.

No ano seguinte - 1947 - Índio fez mais cinco investidas, ou sejam a 2 e 9 de fevereiro, 19 de junho e 17 e 24 de agosto conseguindo colocar nove grampos de aço para segurança e escalar 70 metros da "chaminé".

Índio foi obrigado a desistir da temerária escalada, que foi reiniciada no dia 19 de março deste ano pelos seus companheiros Sílvio Joaquim Mendes e Reinaldo Behnken escaladores eméritos e dos de maior fibra do Corpo de Guias do CERJ. Nessa primeira investida, Sílvio e Reinaldo conseguiram colocar mais cinco grampos, escalando mais 20 metros de fenda que somados aos 70 vencidos pelo guia .

Índio, perfaziam 90 metros.

Lutando com dificuldades sem conta; jogando constantemente com a vida em trechos perigosos a dezenas de metros de altura, mas mantendo sempre o sadio bom humor, Síl^vio e Reinaldo iam vencendo, as duras penas é verdade, a arriscada prova alpinística.

Fizeram eles a 26 e 27 de março a segunda investida: 8 a 10 de abril. Colocados 12 grampos; escalados 50 metros; quarta investida: 27 a 30 de maio. Colocados três grampos; escalados 90 metros; quinta e última investida: de 28 a 31 de julho. Colocados dez grampos; escalados 110 metros.

FOME E SEDE !

De todas as tentativas efetuadas por Síl^vio e Reinaldo, a quarta foi a mais dramática.

No dia 27 de maio, à noite, foram eles para a base da fenda. Acamparam. No dia seguinte reuniram o material: duas escalas de cabos de aço, marretas, brocas, grampos, cordas, dois cantis com água, mochilas e reiniciaram a escalada às 9 horas, conseguindo atingir o grampo nº 35 (veja croquis), às 17:30 hs. Cansados do esforço que haviam feito, puxando todo aquele material, com ele grimpendo paredões de 80 a 90 graus de inclinação, servindo-se de pequenas saliências onde mal podiam descansar um pouco, resolveram ali ficar para continuar a escalada no dia seguinte, 29 de maio. Reinaldo vestia apenas calção e camiseta, Síl^vio macacão mescla. Um grupo de seus companheiros havia sido instruído para levar suas roupas para o topo do Corcovado no domingo, que eles julgavam poder atingir naquele dia.

Sentaram numa exígua saliência da rocha e aí fizeram pequena refeição; queijo, pão carne assada, açúcar can^di e castanha do Par^á. Sedentos serviram o que restava de um dos cantis. Continuaram com fome e a sede lhes queimava a língua.

AMARRADOS NAS RAÍZES DE UMA ÁRVORE.

A noite se aproximava. Subiram mais um pouco e se ajeitaram da melhor forma possível por cima das raízes da enorme árvore e nelas se amarraram. Assim, passaram a noite de sábado para domingo, 29 de maio. Às 8 horas começaram a escalada, passando de uma árvore para a outra, como macacos, agarrando-se aos galhos, nas raízes. Mal podi

am firmar os pés à terra, pois, sem consistência, fugia sempre. As árvores, em posição oblíqua ao terreno que pisavam, obrigavam os escaladores a desesperados esforços para avançar, subindo. Vez por outra, as raízes prendiam-lhes os pés. As cordas embaralhavam-se nos galhos, forçando-os a contínuas passadas para desembaraçá-las. Ao meio dia de domingo haviam comido as últimas provisões e bebido o último cantil com água. Não desanimaram, porém, e continuaram subindo. Ansiavam por chegar ao topo do Corcovado. Ouviam, distintamente, gritos dos companheiros chamando-os lá no cimo, apitos convecionados. Tudo isto os estimulava a escalar sempre.

Às 16:30 hs chegaram a uns 30 metros aquem do "Chapéu".

Tinham pela frente uns 150 metros de escalada para atingir o cume. Sílvio e Reinaldo verificaram que se desbordassem para a direita havia a probabilidade de escalam o "chapéu" utilizando-se de uma "chaminé" ou estreita fenda que há nesse lado. Isso, porém, demandava esforço e eles já se sentiam esfartados. A sede intensa, mais do que a fome, lhes tirava todo ânimo. Apesar dos paredões úmidos não encontravam água dentro da vegetação. As dores nos músculos das coxas, pernas e braços provocados pela distensão mal deixavam-os de pé.

As mãos estavam vermelhas e ardentas. Sílvio e Reinaldo temeram a estafa muscular e resolveram não insistir na subida. Eram, apenas dois homens. Se um desfalescesse, que poderia fazer o outro?

Núvens passavam, deixando umedeciadas as folhas das árvores. Foram recolhendo num cantil as gotas d'água que delas escorriam, o suficiente para molhar a garganta ressequida. O local em que estavam, embora pequeno, lhes permitia deitar a fio comprido. Aí passaram a noite de domingo 29 para 30 de maio. Apesar de terem repousado, dormindo várias horas, Sílvio e Reinaldo concluíram não estar em condições físicas para continuar a escalada e resolveram retroceder, o que fizeram na segunda-feira, dia 30 de maio.

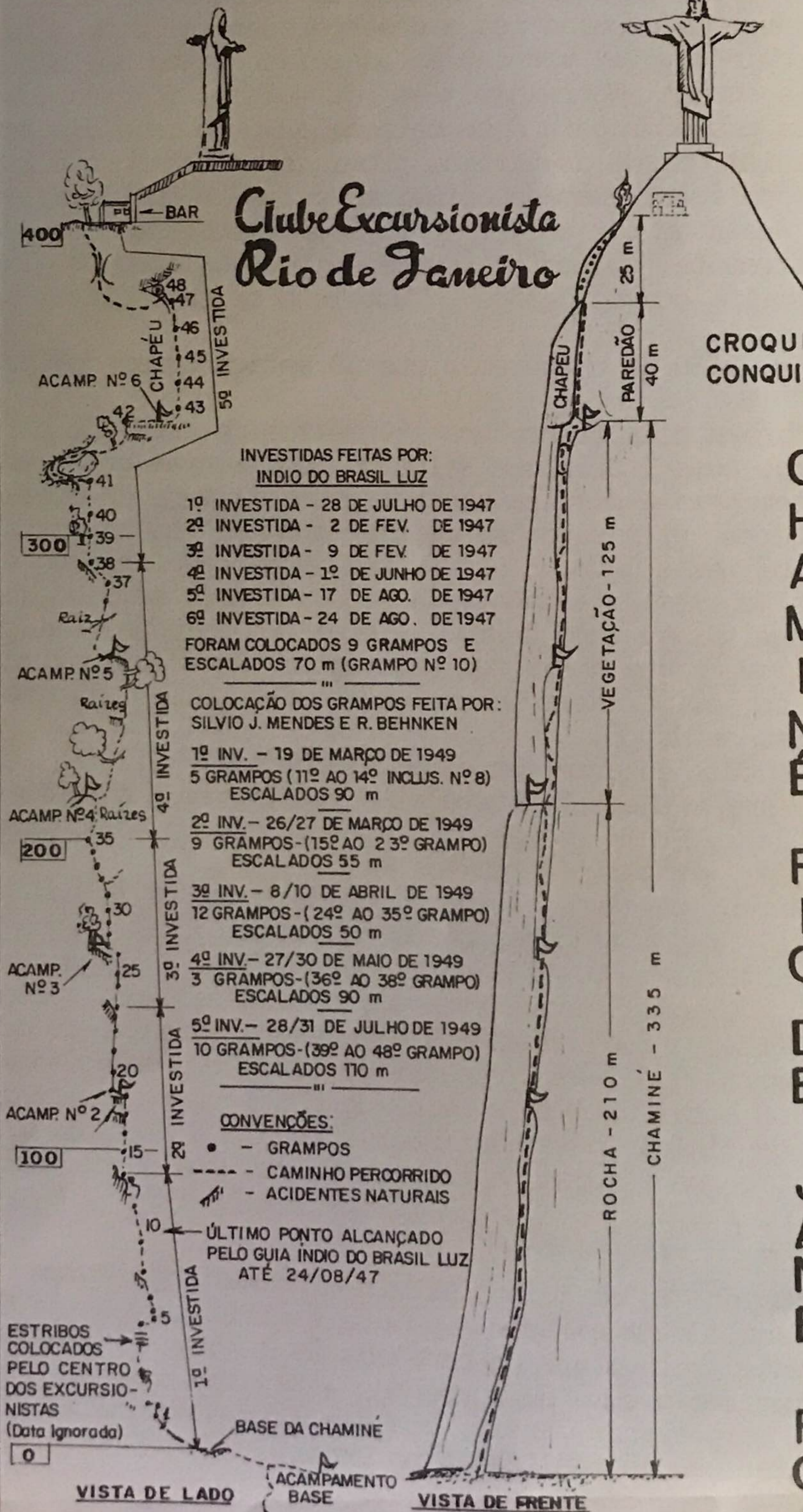
A INVESTIDA FINAL.

No dia 28 de julho, Sílvio e Reinaldo voltaram à base de escalada para fazer a quinta e última investida. No dia seguinte, reiniciaram a escalada às 9 horas e, finalmente atingiram o cume do Corcovado a 31, num domingo, às 10 horas, completando, assim, uma das mais empolgantes provas alpinísticas já realizadas no Brasil.

Clube Excursionista Rio de Janeiro

CROQUIS DA CONQUISTA DA

CHAMINÉ DO JANEIRO



**INVESTIDAS FEITAS POR:
INDIO DO BRASIL LUZ**

- 1ª INVESTIDA - 28 DE JULHO DE 1947
- 2ª INVESTIDA - 2 DE FEV. DE 1947
- 3ª INVESTIDA - 9 DE FEV. DE 1947
- 4ª INVESTIDA - 1º DE JUNHO DE 1947
- 5ª INVESTIDA - 17 DE AGO. DE 1947
- 6ª INVESTIDA - 24 DE AGO. DE 1947

FORAM COLOCADOS 9 GRAMPOS E ESCALADOS 70 m (GRAMPO Nº 10)

COLOCAÇÃO DOS GRAMPOS FEITA POR: SILVIO J. MENDES E R. BEHNKEN

1ª INV. - 19 DE MARÇO DE 1949
5 GRAMPOS (11º AO 14º INCLUS. Nº 8)
ESCALADOS 90 m

2ª INV. - 26/27 DE MARÇO DE 1949
9 GRAMPOS - (15º AO 23º GRAMPO)
ESCALADOS 55 m

3ª INV. - 8/10 DE ABRIL DE 1949
12 GRAMPOS - (24º AO 35º GRAMPO)
ESCALADOS 50 m

4ª INV. - 27/30 DE MAIO DE 1949
3 GRAMPOS - (36º AO 38º GRAMPO)
ESCALADOS 90 m

5ª INV. - 28/31 DE JULHO DE 1949
10 GRAMPOS - (39º AO 48º GRAMPO)
ESCALADOS 110 m

CONVENÇÕES:

- - GRAMPOS
- - - CAMINHO PERCORRIDO
- ▲ - ACIDENTES NATURAIS

ÚLTIMO PONTO ALCANÇADO PELO GUIA INDIO DO BRASIL LUZ ATÉ 24/08/47

ESTRIBOS COLOCADOS PELO CENTRO DOS EXCURSIONISTAS (Data Ignorada)

BASE DA CHAMINÉ

ACAMPAMENTO BASE

VISTA DE LADO

VISTA DE FRENTE